

---

Pérez-Reverte, Arturo. *A Rainha do Sul*. Tradução de Antonio Fernando Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 521 pp.

---

Arturo Pérez-Reverte é um dos mais populares escritores da Espanha na atualidade. Jornalista agora exclusivamente dedicado à literatura, produz obras repletas de aventuras nas quais é possível identificar elementos de sua antiga ocupação como repórter especializado em conflitos armados. Pérez-Reverte faz pesquisas detalhadas sobre os temas que aborda em seus livros e reproduz, com minúcia às vezes excessiva, seus achados e suas obsessões temáticas, como o mundo náutico. As traduções de sua obra para o português do Brasil e para o Português europeu somam-se às traduções de seus livros para outros 24 idiomas, como o chinês e o islandês, o que atesta sua popularidade internacional.

Uma tentativa de explicar a aceitação e o consumo desse escritor espanhol contemporâneo em países tão distintos do seu e entre si talvez deva ter como foco a natureza quase jornalística de sua obra, com relatos detalhados que

não deixam lugar para a dúvida ou para a ambigüidade, com diálogos curtos e certos, como os de um roteiro cinematográfico. Tal estrutura, aliada ao suspense e às reviravoltas que sustentam as tramas, oferece ao leitor a promessa quase certa de entretenimento.

O livro objeto desta resenha intitula-se *La Reina del Sur*. Foi lançado pela editora espanhola Santillana em 2002 e publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2004, com tradução de Antonio Fernando Borges sob o título *A Rainha do Sul*. Trata-se de uma movimentada história que tem como pano de fundo uma rede de tráfico de drogas comandada por uma jovem mexicana que se estabelece na Espanha após ter escapado de matadores em seu país natal. Envolvida com um homem a serviço do narcotráfico no México, Teresa se vê forçada a fugir para a Espanha. Ali recomeça sua vida e dá início a uma bem-sucedida rede de tráfico de drogas que lhe rende a alcunha de Rainha do Sul, título também do livro.

A tradução desse livro para o português é bem-vinda e pode ser tomada como exemplo da abertura de nosso mercado para a tradução de textos da literatura em língua espanhola ainda sem a marca

da tradição e do cânone. Deve-se celebrar o aumento da circulação entre nós da literatura contemporânea em língua espanhola, mas esse aumento não pode servir de justificativa para a publicação de textos em língua portuguesa que indiquem o sacrifício da qualidade em favor da quantidade. O tradutor tinha diante de si um texto sem maiores desafios no que toca à linguagem. Texto que prende a atenção mais pelo ritmo ditado pelas aventuras narradas do que por estilo refinado do autor, o livro carece de combinações inusuais ou originais de palavras, não apresenta metáforas de difícil transposição e tampouco se faz notar pela intertextualidade. Uma linguagem assim direta, no entanto, não livrou o tradutor de cometer alguns deslizes no texto em língua portuguesa. Assim, a prosaica expressão *chasquear la lengua* ganhou tradução absurda:

Os *ruskis* nunca foram muito finos – Juárez fez uma careta com a língua, crítico. – E continuam não sendo. (pág. 258)

A tradução de Antonio Fernando Borges revela-se muito adequada em praticamente todos os momentos. A adequação é evidente na tradução de termos técnicos,

por exemplo, ou na tradução de termos ligados ao tráfico – que tampouco deixam de ser, em sua especificidade, termos técnicos. O tradutor, diante dos detalhes sobre o funcionamento de barcos e lanchas empreendeu um admirável trabalho de pesquisa e oferece ao leitor brasileiro uma tradução extremamente precisa de peças de motor, tipos de lanchas e também de armas, de munição e de nomes de drogas com seus respectivos sinônimos, quando havia necessidade.

O que chama a atenção na tradução da obra, no entanto, é a dificuldade que o tradutor por vezes demonstra de traduzir termos muito mais simples, do espanhol corrente, para o português. Essa dificuldade decorre da velha armadilha criada pelo par opacidade/transparência, sempre presente quando espanhol e português se vêem frente a frente. Nos exemplos a seguir, há termos que existem em português, mas que não têm o mesmo uso do espanhol (grifos meus):

Teresa não parava de enfiar roupas na *maleta* sem saber se ia embora ou não (pág. 131)

Limitava-se a *cobrar* e a gastar: carros, álcool, meninas, viagens, roupa (pág. 400)

No entanto, conforme o momento, podia ser *torpe* ou inoportuno como os piores (pág. 402)

Ainda não é uma *criatura* – corrigiu Teresa – ainda não é nada (pág. 423)

(...) o grande salão com móveis de Concórdia misturados com acrílico e quadros *espan-tosos* nas paredes (pág. 482)

Embora em alguns dos casos haja grave alteração de sentido, como *torpe* (lento, lerdo) e *espan-tosos* (horríveis, medonhos), os exemplos acima não chegam a comprometer o entendimento do texto pelo leitor brasileiro, mas uma revisão mais acurada do texto final da tradução teria eliminado todos ou quase todos os elementos fora de lugar. O certo é que o fato de vocábulos existirem em ambas as línguas não justifica sua presença na tradução ao arpejo de questões funcionais.

Há outro elemento problemático na tradução, esse sim incômodo: trata-se da manutenção de estruturas sintático-semânticas da língua espanhola em frases que seriam da língua portuguesa, pelo menos segundo o julgamento do tradutor. Também decorrente do cipoal da opacidade/transparência,

do qual nem todos são capazes de se desembaraçar, a transferência de estruturas e de expressões pode, sim, comprometer o entendimento do leitor brasileiro, além de ter efeito desastroso para o texto literário, como mostram os exemplos abaixo (grifos meus):

Cacete, *que* estamos sem sonda, ponderou Teresa atropeladamente (pág. 185)

Essas gostam de *tortilhas de batata* (pág. 193)

Soltando amarras, tinha dito Oleg Yasikov. E nada *para atrás* (pág. 478)

Expressões que nada querem dizer aos falantes de português, como *gostar de tortilhas de batatas* (ser lésbica) e manutenção de elementos sintático-semânticos ou característicos da estrutura morfológica do espanhol como a manutenção do *que* em função enfática e o uso de *atrás* no lugar de *trás* empobrecem o trabalho do tradutor, embora tenham ocorrido de maneira muito espaçada no texto. Novamente, uma revisão mais cuidada do texto poderia ter eliminado ou amenizado esse problema.

Uma marca do texto é a presença de duas variantes do espanhol, a mexicana, falada pela heroína do romance, e a peninsular,

falada na região onde a maior parte da trama se desenvolve. Chama a atenção o fato de a heroína de Pérez-Reverte ser pródiga no uso de expressões e vocábulos tipicamente mexicanos mesmo depois de anos na Espanha e em contato com pessoas que dificilmente entenderiam seus mexicanismos em sua plenitude. Seu espanhol parece forçado demais, mexicano demais. De qualquer sorte, foi essa a maneira encontrada pelo autor para destacar a origem da protagonista, quer a achemos inadequada, quer não. O tradutor foi muito eficaz ao lidar com os diversos registros do espanhol peninsular que aparecem no texto, e sua tradução de mexicanismos como *chingada* ou *órale* também foi muito satisfatória. No entanto, o modo como o tradutor lida com a presença das duas variantes revela que Teresa, a protagonista mexicana de pouca instrução formal que vai galgando posições e vai-se refinando nesse processo, no português ficou ainda mais vulgar - na verdade, a diferença acentuada no original espanhol visava a explicitação dos dois mundos em contato, e não ressaltar a pretensa vulgaridade da mexicana. Inadvertidamente, o tradutor, ao lançar mão de um registro informal em excesso, sem ja-

mais tocar na questão dialetal, colabora para a criação de uma imagem distorcida da mexicana que passa a ser, na versão em português, além de imigrante e fora-da-lei, uma vulgar incurável.

Por fim, outro elemento que denota revisão aligeirada, fruto talvez de prazos exíguos, é a tradução das canções do livro. Os *corridos* são utilizados pelos mexicanos para cantar os feitos de seus heróis populares, no mais das vezes homens à margem da lei. Os feitos dos líderes e de membros dignos de destaque nos grupos de traficantes também rendem corridos, que recebem o nome de *narcocorridos*. Vários narcocorridos estão presentes no livro desde o início e, no desfecho da trama, aparecem no ocaso da organização criminosa montada por Teresa. Na tradução brasileira, todos os narcocorridos foram traduzidos - de maneira impecável, diga-se de passagem - exceto os cinco últimos. Não há razão evidente para a presença na tradução desses cinco narcocorridos em língua espanhola, o que leva à especulação e à conclusão, talvez injusta, de uma revisão apressada.

No conjunto, a tradução de Borges é muito feliz. Os elementos destacados nesta resenha são,

na verdade, pretextos para que se discutam os percalços pelos quais passam os tradutores de espanhol, os cuidados que devemos ter na produção e na revisão de nossos textos e as condições de recepção do nosso trabalho pelo leitor brasileiro. O aumento do volume de traduções do espanhol para o português do Brasil exige

um aumento equivalente da atenção do tradutor para a qualidade de seu trabalho. *A Rainha do Sul*, em sua versão brasileira, cumpre bem sua função de divulgar entre nós o trabalho de um autor tão largamente apreciado como Arturo Pérez-Reverte.

Júlio César Neves Monteiro

UFSC